

# **CLIPPING IMPRESSO**

**12/04/2020**



# INDICE

---

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. JUÍZES.....	1 - 2
1.2. PRESIDÊNCIA.....	3
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	4
2.2. INSTITUCIONAL.....	5
2.3. JUÍZES.....	6

# Tempos difíceis : regresso

OSMAR GOMES DOS SANTOS

JUIZ DE DIREITO

# Regresso

## OSMAR GOMES DOS SANTOS

Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras

Nestes dias de clausura, assoberbado das paredes do apartamento, cansado da repetida rotina, apesar do trabalho remoto e da companhia familiar, confesso ter atingido uma espécie de estafa mental diante de um quadro que aprisionou a todos nós. Alternativa não podia ser outra a não ser dar liberdade incondicional ao pensamento. Deixei-me transportar, com passagem apenas de ida, aos tempos pueris, tocados por uma inocência quase irresponsável, ainda sem grandes sonhos e comprometida com as preocupações de cada dia. A introspecção levou-me de volta, embalado em notas de doce nostalgia, às aventuras e desventuras de uma infância marcada por travessuras.

Regressei ao campo, às noites de luar a iluminar o límpido céu estrelado de verão ou mesmo às noites cinzentas que frio trazia àquela pequena construção de taipa que escorava a frágil cobertura de palhas.

Fiz-me sentir os pés tocar naquele gélido chão de barro batido, cujas imperfeições suportavam os poucos e velhos móveis, que por sua vez ofereciam o mínimo de conforto e serviam para organizar os poucos bens materiais.

No canto da cozinha, a chama do fogão a lenha trazia um duplo contentamento: primeiro era de aquecer nas noites frias; o segundo é que a panela sobre ele evidenciava o banquete que reuniria, dentro de instantes, a família em torno da mesa. A ceia em família era uma tradição.

A vida no campo é algo indescrití-

vel. Os aprendizados e experiências acumulados nos marcam para a eternidade. Os tempos difíceis, de escassez de bens e alimentos, costumam fazer contraponto ao da fartura proporcionada pela natureza em seu perfeito equilíbrio.

No período de estiagem, costumávamos esticar a noite um pouco mais, algumas vezes teimando em romper o limite de horário de ir para a rede feita de pano, visto que aos primeiros raios de sol a labuta diária tornaria a ocupar corpo e mente em mais um dia de trabalho. Um rito fascinante se sucedia. Aos pequeninos, meu caso, cabiam as tarefas de apoio – dar comida às poucas crias, carregar o cofo, levar ferramentas e auxiliar em atividades mais simples, como buscar água ou a boia para alimentar os mais velhos. Tudo feito com muita alegria, muitas vezes como se fosse uma inocente brincadeira. A execução das atividades ditas mais complexas – roçado, capina, construção, caça, pesca, plantio e colheita – ficavam reservadas àqueles com mais idade e experiência. As trocas da produção da roça por outros insumos eram feitas pela matriarca da família, minha mãe, aos moldes tradicionais.

E assim segue, até hoje, a vida no campo, com suas manhas e artimanhas para driblar os momentos mais difíceis. Não raro ver famílias, no período da bonança agrícola, fazerem provisões para épocas mais difíceis. A caça e a pesca, apesar de darem bons resultados, de certo tem apenas a incerteza.

Mas tem o lado bom e este supera toda e qualquer dificuldade trazida pelas incertezas campesinas. Em meus devaneios, viajo pela beleza dos campos, sentindo seu ar puro, tocando com os olhos as verdejantes matas que o circundam, testemunhando os

rios que matam a sede com águas das enormes bacias campestres, formando a mais bela e bucólica paisagem.

O cair da noite revelava a beleza peculiar em meio à escuridão. Do quintal, avistava o campo sob o céu de estrelas, que de tão próximas se revelavam inalcançáveis. Lá ficávamos, deitados, a contemplar o espetáculo que vinha do alto, até uma estrela cadente rasgar o silêncio daquele céu cintilante. A alma gritava um ingênuo e abafado pedido, que não podia ser ouvido sequer pelos olhos latejantes de alegria. Talvez um dia se realize. Pelo sim, pelo não, melhor expressar, quase sussurrando, o desejo que se quer.

A alma gritava um ingênuo e abafado pedido, que não podia ser ouvido sequer pelos olhos latejantes de alegria. Talvez um dia se realize. Pelo sim, pelo não, melhor expressar, quase sussurrando, o desejo que se quer.

Um feixe de lenha jogado ao canto da casa se transforma rapidamente em uma fogueira. Restos de galhos, folhas e algumas palhas dão intensidade às chamas. Era hora da brincadeira em volta do fogaréu que, visto ao longe, rapidamente reunia colegas de toda parte do povoado.

Como tudo que é pujante na vida, as chamas reduzem gradativamente. Restava um punhado de insistente brasa, viva. Além de manter aquecido diante do sereno que cai, era o momento de assar uma batata doce, um milho ou a saborosa tarifa seca – a nossa jabiraca. Vamos nos recolher. A brasa que se esvai é um indicativo de que é chegada a hora de se recolher. E se vai mais uma bela noite no campo, ficando as muitas lembranças, na alma ardente. Memórias que, em um jogo de passado e presente, são revisitadas no permanente regresso ao profundo campo de emoções e mistérios que levamos para posteridade.

# BASTIDORES

Raimundo Borges  
 bastidores@oimparcial.com.br



**1** Em mensagem de Páscoa, o presidente do TJ-MA, José Joaquim Figueiredo falou em momento de reflexão na data de grande simbolismo. “Nos oferece a oportunidade de refletirmos sobre as nossas convicções para nos aprimorarmos enquanto seres humanos”.

**2** O presidente-eleito do Tribunal de Justiça do Maranhão, desembargador Lourival Serejo disse a estes Bastidores que sua equipe de gestores está pronta, para quando assumir no próximo dia 24. Também está prontinho o plano de metas para o biênio 2020/21.

## Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua [acarloslua@folha.com.br](mailto:acarloslua@folha.com.br)



### Negação da catástrofe

Não devemos mascarar a culpa dos chineses no avanço do coronavírus, cujo cenário polêmico em que foi criado é bem conhecido, inclusive pelas prisões e desaparecimento de jornalistas que buscaram a verdade.

Há uma negação da catástrofe, mas a realidade está no encaixo do imperador da China, Xi Jinping, líder do Partido Comunista, mesmo com a propaganda espetacular que difunde meias verdades ao mundo.

Cabeças rolam no China, enquanto a repressão aumenta ferozmente sobre os jornalistas. A trama é obra de um poder que gostaria de controlar tudo no planeta e teve a proeza de construir alegremente um gigantesco hospital em dez dias, com falsas mensagens de vitória sobre o controle do coronavírus. Será que os cidadãos que viajam, leem e observam o mundo se contentam com a resposta formatada e coercitiva das autoridades chinesas sobre o coronavírus? A aprovação do mundo em relação aos métodos chineses permanecem sem reservas?

Na China, o coronavírus apareceu em um clima de grande desconfiança com um sistema de saúde notoriamente saturado e subfinanciado (5% do PIB). Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), lá existe 1,5 médico por 1.000 pessoas.

Os hospitais, em sua maioria, são velhos e desparelhados. A corrupção dos profissionais da saúde mal remunerados ganham manchetes nos jornais.

A medicina liberal não existe no país. Muitas clínicas são desprovidas de equipamentos, com o agravante de terem médicos não diplomados exercendo irregularmente a medicina. Como se percebe, a confiança não é algo patente em relação a China, onde as reações dos cidadãos à crise na saúde não existem, tendo em vista as violentas retaliações políticas.

Na ausência de informações confiáveis, em quem acreditar? O que fazer? Por que a China só tomou providências para conter o coronavírus quando ele já tinha saído do país e se espalhado pelo mundo?

Por que a oficialização da existência do alastramento da Covid-19, em Wuhan, se deu de maneira atrasada?

Por que o jornalista Li Zehua, o advogado Chen Qiushi e o comerciante Fang Bin, desapareceram após filmarem a situação do coronavírus em Wuhan, postando seus testemunhos nas redes sociais? Por que Xu Zhiyong, militante dos direitos civis, que criticou abertamente a forma como Xi Jinping lidou com a crise do coronavírus no país foi preso e não se sabe se está vivo ou morto?

O próprio cientista chinês, especialista em doenças respiratórias, Zhong Nanshan, afirmou, em estudo publicado na revista científica, 'Caixin', que os médicos reagiram cedo ao surgimento da Covid-19, mas o governo da China não aplicou as medidas para deter o vírus em tempo hábil, embora tenha sido alertado pelo médico Li Wenliang sobre o poder destrutivo

do coronavírus.

Afirmção é sólida, pois parte de um cientista respeitado na China e no mundo e que se dispôs a divulgar uma conclusão explosiva, sendo um indicativo de que a questão é realmente muito séria.

É louvável a coragem e a velocidade dos pesquisadores chineses para publicar suas conclusões sobre o coronavírus em revistas científicas internacionais, informando sobre os estudos acerca do surgimento da Covid-19 na China.

Quanto aos jornalistas que estão na linha de frente para esclarecer a questão, é necessário uma mobilização mundial para que desta vez a faca da censura não impeça que as lições do desastre da Covid-19 não sejam assimiladas pelo mundo.

Daí a importância dos cientistas passarem o testemunho o mais rápido possível, para não dar cegamente ao poder chinês a possibilidade de continuar escondendo a verdade sobre o coronavírus que, muito mais que um agente infeccioso, é um revelador implacável de que muitas vezes não queremos ver o que está diante dos nossos olhos.

Olhando para as origens das pandemias anteriores podemos verificar que vieram da China as gripes de 1958 e 1968. Vieram também da China o Sars, em 2002, a gripe suína, de 2009, e agora a Covid-19.

Só que o Partido Comunista chinês acha que não precisa prestar contas para ninguém e tem adotado uma postura beligerante. A China resiste em colaborar com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e as demais agências especializadas internacionais.

Os dados até agora divulgados pela China sobre o coronavírus não são confiáveis. Mesmo assim, o diretor da OMS tem aceitado as parcas informações, com medo de ofender os chineses.

Depois de fingir durante dois meses que nada estava errado no país, o governo chinês decretou uma série de medidas drásticas, estabelecendo uma ferrenha censura no país e não aceitando qualquer crítica do descaso inicial em Wuhan.

Há inúmeras incoerências do governo chinês que preocupam o mundo inteiro. Uma delas é semear dúvidas sobre a origem do coronavírus e exigir o agradecimento do resto do mundo, passando a ideia que sozinha e com sua própria força barrou decididamente a Covid-19 no país.

Na China 1,4 bilhão de habitantes (92%) são da etnia 'han', que são ensinados a pensar que, como detentores de uma civilização de 5 mil anos, são superiores aos demais. Na rua, os poucos negros são rotineiramente chamados de "macacos", os japoneses de "bárbaros peludos" e os brancos de "yangguidz", ou "demônios-fantasmas de além-mar".

A China tem o direito de se governar do jeito que quiser. Mas não pode, de maneira alguma, brincar com a saúde do resto do mundo só para proteger os interesses de uma elite que acha que todo mundo que não é "han" é inferior. Aí está o grande perigo. A Covid-19 vai passar. A prepotência da China, não.

Prometendo um caminho de prosperidade crescente, o imperador chinês do Partido Comunista, Xi Jinping, não deve ter um sono nada tranquilo com um inesperado e invisível inimigo que pode colocar inúmeras conquistas a perder, chegando, na hipótese mais negativa, a abalar o projeto de ascensão da China como superpotência dominante, tendo como data marcada o ano de 2045. Para entender melhor a situação é bom ler o livro "Unrestricted Warfare: China's master plan to destroy America", dos coronéis chineses, Oiao Liang e Wang Xiangsu, vendido no Brasil pela Amazon.




**Bom Dia Sociedade**  
Nossa conversa de todas as segundas-feiras

**Orquídea Santos**  
orquideafsantos@yahoo.com.br



Acesse nossa página no FACEBOOK, ORQUÍDEA SANTOS NA TV, ou através do google (@orquideafssantos) e veja os vídeos que fizeram sucesso durante a semana.

## **TJMA autoriza a instalação das varas de saúde pública e agrária em São Luís**

O Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), por meio da Resolução nº. 23/2020, autorizou a instalação da Vara da Saúde Pública e da Vara Agrária na Comarca de São Luís, criadas pelas Leis Complementares nº. 213/2019 e nº. 220/2019, respectivamente.

A autorização para criação das unidades judiciais – estabelecida no documento assinado pelo presidente do TJMA, desembargador Joaquim Figueiredo – considera a necessidade de instalação imediata das varas com competência em saúde pública e conflitos agrários.

A Vara de Saúde Pública tem competência para o processamento e julgamento das ações relativas à internação

hospitalar, cirurgia, fornecimento de medicamentos, órteses e próteses, nos termos da Resolução CNJ nº. 238, qualquer que seja o valor da causa, ressalvada a competência das Varas da Infância e Juventude (art. 208, VII, do ECA) e da Vara de Interesses Difusos e Coletivos.

Já a Vara Agrária de São Luís tem competência em todo o Estado para dirimir conflitos fundiários que envolvam litígios coletivos. A Vara Agrária terá dois juízes de direito titulares, cabendo a esses magistrados, nos limites de suas circunscrições de atuação, comparecerem aos locais dos litígios quando necessário à eficiente prestação jurisdicional.

## Osmar Gomes

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



# REGRESSO

Nestes dias de clausura, assoberbado das paredes do apartamento, cansado da repetida rotina, apesar do trabalho remoto e da companhia familiar, confesso ter atingido uma espécie de estafa mental diante de um quadro que aprisionou a todos nós. Alternativa não podia ser outra a não ser dar liberdade incondicional ao pensamento. Deixei-me transportar, com passagem apenas de ida, aos tempos pueris, tocados por uma inocência quase irresponsável, ainda sem grandes sonhos e comprometida com as preocupações de cada dia. A introspecção levou-me de volta, embalado em notas de doce nostalgia, às aventuras e desventuras de uma infância marcada por travessuras. Regressei ao campo, às noites de luar a iluminar o límpido céu estrelado de verão ou mesmo às noites cinzentas que frio trazia àquela pequena construção de taipa que escorava a frágil cobertura de palhas. Fiz-me sentir os pés tocar naquele gélido chão de barro batido, cujas imperfeições suportavam os poucos e velhos móveis, que por sua vez ofereciam o mínimo de conforto e serviam para organizar os poucos bens materiais. No canto da cozinha, a chama do fogão a lenha trazia um duplo contentamento: primeiro era de aquecer nas noites frias; o segundo é que a panela sobre ele evidenciava o banquete que reuniria, dentro de instantes, a família em torno da mesa. A ceia em família era uma tradição. A vida no campo é algo indescritível. Os aprendizados e experiências acumulados nos marcam para a eternidade. Os

tempos difíceis, de escassez de bens e alimentos, costumam fazer contraponto ao da fartura proporcionada pela natureza em seu perfeito equilíbrio. No período de estiagem, costumávamos esticar a noite um pouco mais, algumas vezes teimando em romper o limite de horário de ir para a rede feita de pano, visto que aos primeiros raios de sol a labuta diária tornaria a ocupar corpo e mente em mais um dia de trabalho. Um rito fascinante se sucedia. Aos pequeninos, meu caso, cabiam as tarefas de apoio – dar comida às poucas crias, carregar o cofó, levar ferramentas e auxiliar em atividades mais simples, como buscar água ou a boia para alimentar os mais velhos. Tudo feito com muita alegria, muitas vezes como se fosse uma inocente brincadeira. A execução das atividades ditas mais complexas – roçado, capina, construção, caça, pesca, plantio e colheita – ficavam reservadas àqueles com mais idade e experiência. As trocas da produção da roça por outros insumos eram feitas pela matriarca da família, minha mãe, aos moldes tradicionais. E assim segue, até hoje, a vida no campo, com suas manhas e artimanhas para driblar os momentos mais difíceis. Não raro ver famílias, no período da bonança agrícola, fazerem provisões para épocas mais difíceis. A caça e a pesca, apesar de darem bons resultados, de certo tem apenas a incerteza. Mas tem o lado bom e este supera toda e qualquer dificuldade trazida pelas incertezas campesinas. Em meus devaneios, viajo pela beleza dos campos, sentindo seu ar puro, tocando com os olhos as

verdejantes matas que o circundam, testemunhando os rios que matam a sede com águas das enormes bacias campestres, formando a mais bela e bucólica paisagem. O cair da noite revelava a beleza peculiar em meio à escuridão. Do quintal, avistava o campo sob o céu de estrelas, que de tão próximas se revelavam inalcançáveis. Lá ficávamos, deitados, a contemplar o espetáculo que vinha do alto, até uma estrela cadente rasgar o silêncio daquele céu cintilante. A alma gritava um ingênuo e abafado pedido, que não podia ser ouvido sequer pelos olhos latejantes de alegria. Talvez um dia se realize. Pelo sim, pelo não, melhor expressar, quase sussurrando, o desejo que se quer. Um feixe de lenha jogado ao canto da casa se transforma rapidamente em uma fogueira. Restos de galhos, folhas e algumas palhas dão intensidade às chamas. Era hora da brincadeira em volta do fogaréu que, visto ao longe, rapidamente reunia colegas de toda parte do povoado. Como tudo que é pujante na vida, as chamas reduzem gradativamente. Restava um punhado de insistente brasa, viva. Além de manter aquecido diante do sereno que cai, era o momento de assar uma batata doce, um milho ou a saborosa traíra seca – a nossa jabiraca. Vamos nos recolher. A brasa que se esvai é um indicativo de que é chegada a hora de se recolher. E se vai mais uma bela noite no campo, ficando as muitas lembranças, na alma ardente. Memórias que, em um jogo de passado e presente, são revisitadas no permanente regresso ao profundo campo de emoções e mistérios que levamos para posteridade.